

Tempo muito bem preenchido

Larissa Leite

A rua não tem asfalto e a maioria das casas que cercam o Centro de Ensino Fundamental (CEF) de Arapoanga, condomínio de Planaltina, é humilde. O local é um dos mais carentes da região, mas as marcas da exclusão social não estão retratadas na escola. No muro, nenhuma pichação. Dentro, nada de poeira, salas recém-pintadas e alunos desenvolvendo diversas atividades, entre elas aula de teatro. No período da tarde, esta é uma das novidades da escola, oferecida por meio do Programa de Educação Integral, gerenciado pela Secretaria Extraordinária de Educação Integral, do GDF, que começa a dar bons resultados.

De acordo com o diretor da escola, Jordenes Ferreira, todas as benfeitorias do colégio são em decorrência da inserção no programa. "Sou diretor daqui há oito anos e posso dizer que a implantação do programa é um marco na escola. Desde fevereiro último, colhemos os benefícios não só do programa, mas conseguimos nos unir a vários parceiros", afirma. O CEF Arapoanga foi uma das primeiras escolas que aderiram ao Educação Integral.

Dos 1.790 alunos, 250 passam o dia na escola. Segundo a direção, dados animadores já podem ser observados neste grupo: a frequência aumentou 92%, a execução das tarefas de casa subiu 70% e as suspensões e advertências diminuíram em 50%. A Secretaria de Educação ainda não colheu dados oficiais que vinculam o programa à melhoria do rendimento dos alunos beneficiados pelo programa, em todo o DF. Porém, a partir do depoimento de diretores como Jordenes, já decidiu ampliar a abrangência do programa.

■ Já inseridas

No DF, 140 escolas foram inseridas no programa, desde fevereiro. A meta do governo é que, no próximo ano, a educação integral seja aplicada em 200 das 510 escolas do DF que atendem alunos do Ensino Fun-

damental (1ª a 8ª série), com a média de seis a 14 anos. "A meta do governo é parar nessas 200 escolas e aumentar o número de alunos beneficiados", explica o secretário de Educação Integral, Paulo Mostardeiro.

Para entrar no programa, as diretorias das escolas apresentam um plano de ação à secretaria. "Avaliamos este plano e escolhemos as escolas segundo critérios como a dificuldade de aprendizagem, a defasagem idade-série e o risco social", explica Mostardeiro.

■ Condições

As escolas devem oferecer condições de executar os projetos que apresentam. Porém, o governo avaliou que algumas delas não conseguiram se adequar ao projeto, por não apresentarem uma estrutura física mínima, adequada às atividades. Em função disto, a secretaria anunciou que irá construir, nos próximos dias, a cobertura de 184 quadras de esportes de escolas do DF, além de fazer a cobertura de outra área que servirá de refeitório.

Até este mês, já foram investidos cerca de R\$ 15 milhões no projeto. A maioria dos gastos se concentra na alimentação, devido ao fornecimento de almoço e lanches aos alunos. De acordo com o secretário, cerca de 60 atividades estão sendo oferecidas no DF. Elas são ministradas por monitores, que são alunos de faculdades particulares do DF. Para fazer a parceria, eles ganham uma bolsa integral na instituição de ensino superior, que, por sua vez, tem direito a uma renúncia fiscal.

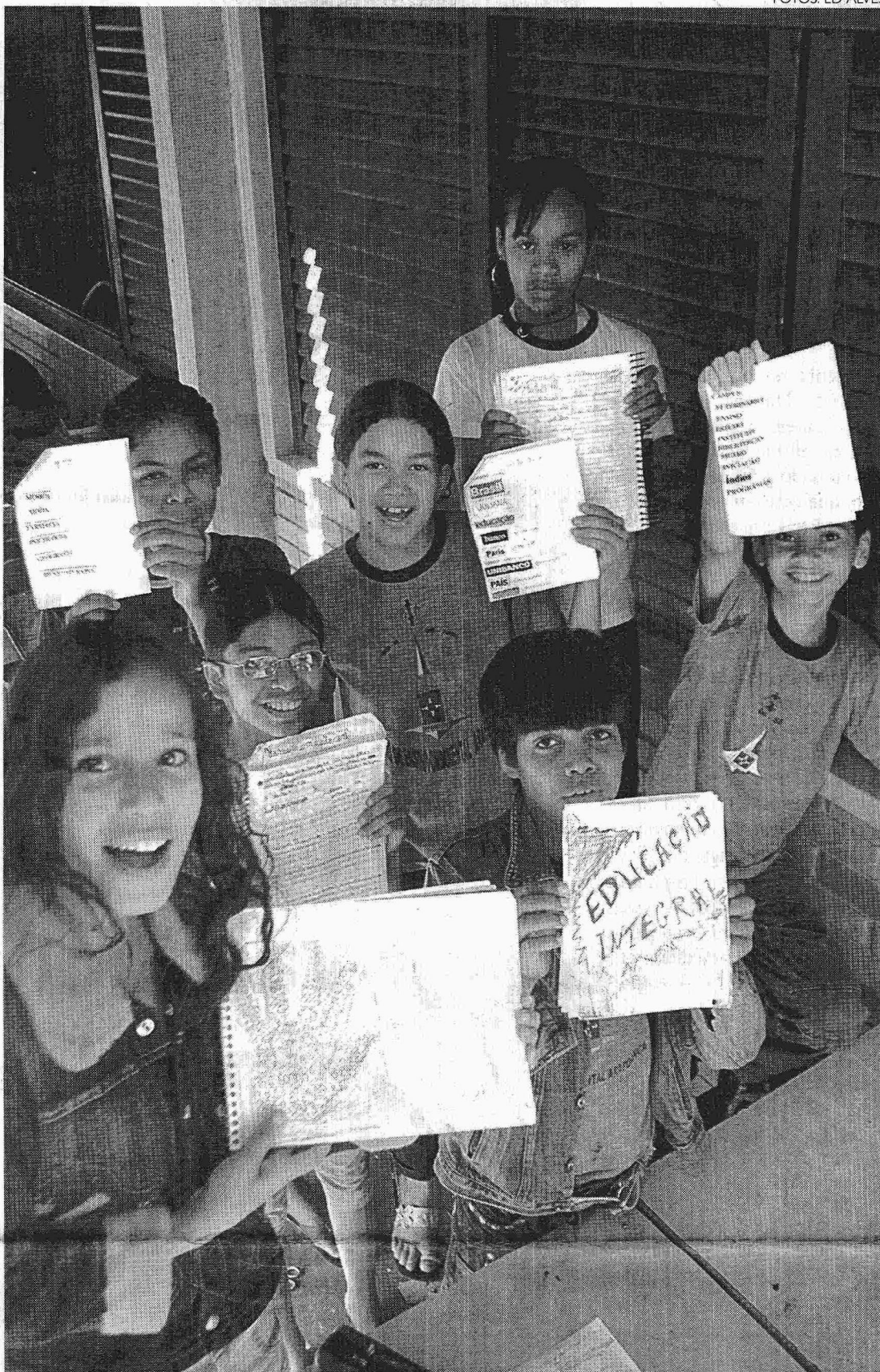
O monitor Varlen Dias, 23 anos, é aluno do 5º semestre de Artes Cênicas da Faculdade Dulcina. Nas tardes de segunda a sexta-feira, ele vai ao CEF de Arapoanga dar aulas de teatro. "Uma das coisas mais difíceis nestas crianças é a disciplina, o que o teatro ensina bem. Fora isso, elas têm contato com um outro mundo, que está ajudando na desinibição. Já coloquei uma criança que não abria a boca para apresentar um projeto para 500 pessoas nesta escola", conta, orgulhoso.

grama Educação Integral é elevar as médias das escolas públicas e equipará-las a médias obtidas nas melhores escolas particulares do DF. "Nós investimos, por aluno, praticamente a mesma quantidade de escolas de países desenvolvidos. Mas ainda não conseguimos os mesmos resultados por nosso histórico de miséria e crescimento desordenado. Justamente por causa disso estamos aplicando o projeto, principalmente em locais onde a população chegou antes do aparato do Estado", afirma o secretário.

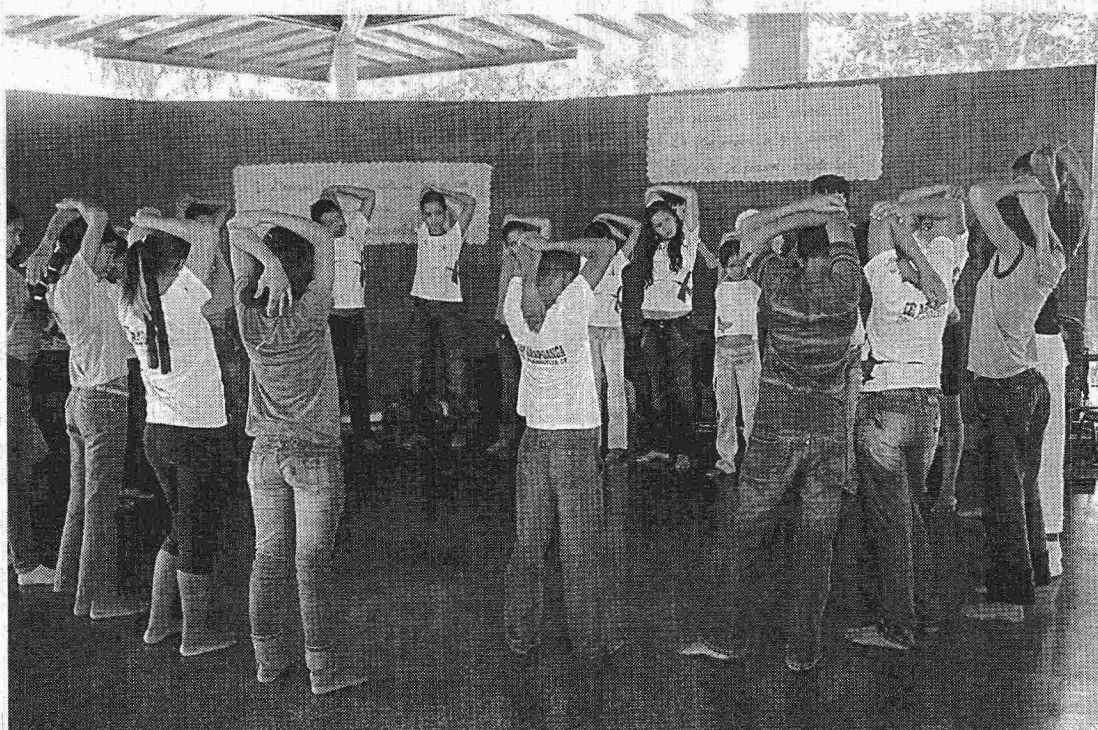
■ Novos projetos

José Luiz Valente adianta que novos projetos ainda estão sendo incluídos no programa. Um deles é o Escola Modelo, no qual a própria secretaria irá fornecer uma proposta pedagógica pré-definida às escolas. "Formulamos uma opção para as escolas que não conseguirem desenvolver um projeto próprio. Mas é apenas uma alternativa", afirmou o secretário.

Outro programa é o Cidade Escola, na qual a secretaria pretende colocar todas as crianças de uma cidade que estudam no Ensino Fundamental em regime de Educação Integral. "Vamos fazer essa experiência com o Varjão. Queremos descobrir o que irá acontecer com essa cidade onde todas as crianças são beneficiadas com o projeto", disse.



■ ALUNOS DO ARAPOANGA MELHORARAM O DESEMPENHO ESCOLAR, APÓS SEREM INSERIDOS NO PROGRAMA



■ ENTRE AS ATIVIDADES OFERECIDAS PELO CEF ESTÃO AS AULAS DE TEATRO, UMA DAS MAIS APRECIADAS

O ensino de qualidade em números

No Brasil (Programa Mais Educação)

1.409 escolas atendidas

R\$ 50 milhões investidos em **1,5 ano**, excluindo a alimentação

51 atividades oferecidas

Meta de atingir cerca de **80%** da educação nacional

No Distrito Federal (Programa Educação Integral)

140 escolas atendidas

R\$ 15 milhões investidos, em sete meses

60 atividades oferecidas

Meta de atingir **200** escolas em 2009

Editoria de Arte/Thiago

FOTOS: ED ALVES

Estudantes nota dez

No CEF de Arapoanga, o teatro é a atividade preferida da estudante Alessandra Feitosa, 12 anos. "Gosto porque é diferente. Eu brinco e aprendo. Parece que aprendo brincando", conta. Para a menina, a brincadeira é um dos principais benefícios do programa. "Eu brincava pouco. Antes tinha que fazer o dever e, às vezes, minhas obrigações de casa (limpar a casa e lavar a louça)", afirma. Alessandra diz que as notas melhoraram, depois que ela entrou no programa.

O resultado foi o mesmo para Maurício Carvalho, que também faz aulas de teatro. Mas ele afirma que prefere as aulas de reforço. "Minhas notas eram piores porque, antes, eu chegava em casa, almoçava e ia trabalhar, para ter meu próprio dinheiro", conta. Maurício começou a trabalhar aos 14 anos. Primeiro, ele foi atendente de uma bomboniere e, depois, expositor de preço de um mercado. Agora, dedica seu tempo somente às atividades na escola.

■ Boa solução

Para a integrante do Conselho Nacional de Educação e professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Regina Gracindo, o programa é uma boa solução para a educação do Brasil. "Vivemos em um País onde, muitas vezes, nem as quatro horas diárias são respeitadas. Pensar em sete horas diárias por dia de ensino é um avanço na educação nacional", afirma. Ainda assim, a professora lembra que não vale aumentar o número de carga horária de uma escola que já não funciona com quatro horas.

O presidente-executivo do Movimento Todos Pela Educação, Mozart Neves Ramos, também lembra que não existe um modelo de Educação Integral ideal. "Nós temos vários modelos difundidos pelo Brasil. Têm aqueles em que a interdisciplinaridade é o ponto forte da escola ou que as atividades são totalmente integradas à comunidade local. Cada uma corresponde à realidade de sua cidade", diz.

■ Programa nacional

Foi com base nas experiências nacionais que o Ministério da Educação (MEC) criou, há um ano e meio, o Programa Mais Educação, que inclui atividades extra-classe. A partir dele, 1.409 escolas estão sendo beneficiadas atualmente. Todas elas, após um ano de programa, serão incluídas no Fundo da Educação Básica (Fundeb), para receberem uma verba extra destinada à execução do programa.

Após a inclusão das escolas no Fundeb, o MEC segue para implantar o Mais Educação em outras regiões. "A meta do Ministério da Educação é fomentar a implantação do Mais Educação no País", explicou o coordenador do programa, Leandro Fialho. O DF possui 29 escolas atendidas pelo Mais Educação.

"O Mais Educação não é um simples programa, ele veio para revolucionar a educação no País", afirma Fialho. Segundo o coordenador, é com princípios trabalhados pelo programa que a educação nacional passará a ter sinais de cura. "Hoje, temos professores com síndromes de pânico e alunos vistos como hiperativos. Isso acontece quando o sistema educacional não acompanha a realidade local", diz. Por isso, o programa é firmado na intersectorialidade, pela qual os atores de toda a comunidade devem estar presente na educação dos jovens.

Pais se sentem seguros

A mãe de um dos alunos do Educação Integral, Idalina Vieira de Souza, diz que gosta do programa justamente porque evita que as crianças fiquem na rua. "Antes, os meninos ficavam muito na rua. Agora é bom porque estão seguros, fazendo atividades. Elas não acontecem todos os dias, e meu filho já chegou a reclamar que às vezes fica sem fazer nada na escola. Mas, mesmo assim, prefiro que ele fique lá, enquanto estou no trabalho", diz.

Segundo Jordenes Ferreira, diretor do CEF de Arapoanga, a boa aparência da escola ocorre graças à colaboração dos pais e da comunidade, que cuidam do colégio justamente porque a instituição está aberta, durante os finais de semana, para atividades. Para Idalina, a participação dos pais é fundamental para a manutenção da escola.

O diretor afirmou, ainda, que todos os aparatos presentes na escola vieram por influência da Educação Integral. Atualmente, um dos cartões-postais da escola é uma sala com equipamentos de alta tecnologia, fornecidos pela multinacional canadense Smart. Entre a aparelhagem está uma lousa inteligente; um projetor multimídia; computador e mobiliário para sala de aula; e um kit robótica.

Segundo o secretário de Educação, José Luiz Valente, a meta do governo com o Pro-